

A. B. YEHOSHUA

Fogo amigo

Um dueto

Tradução do hebraico
Davy Bogomoletz



Copyright © 2006 by Abraham B. Yehoshua

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Esh Yedidutít

Capa

Mariana Newlands

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Márcia Moura

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Yehoshua, Abraham B.

Fogo amigo : um dueto / A. B. Yehoshua ; tradução do hebreico Davy Bogomoletz. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Esh Yedidutít.

ISBN 978-85-359-1693-5

1. Romance israelense (Hebraico) 1. Título.

10-05432

CDD-892.43

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura israelense em hebraico 892.43

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Segunda vela, 9

Terceira vela, 65

Quarta vela, 117

Quinta vela, 171

Sexta vela, 231

Sétima vela, 291

Oitava vela, 339

SEGUNDA VELA

1

É isso. Yaári segura a esposa com força. Está na hora da despedida, e com o coração apertado ele entrega a ela o passaporte, não sem antes verificar que todas as coisas enfiadas no envelope estão realmente lá — o cartão de embarque do voo seguinte, a passagem de volta para Israel, o seguro-saúde, no qual estão colados dois comprimidos contra pressão alta. Aqui, o principal e o mais importante está concentrado num único lugar. Você vai ter que se preocupar só com o seu passaporte. E ele volta a alertar a esposa para não cair em tentação durante a longa espera na escala: não sair do aeroporto para a cidade de maneira alguma. Desta vez, não esqueça, você está sozinha, eu não estarei do seu lado, e o nosso “embajador” já perdeu esse cargo há muito tempo, de modo que se você tiver problemas...

“Mas por que eu teria problemas?”, rebela-se ela, “da nossa viagem anterior, eu me lembro que a cidade fica bem perto do aeroporto, e vou ter seis horas de espera até o voo seguinte.”

“Primeiro, a cidade não fica perto, e segundo, o que mais você quer ver lá? Estivemos lá há três anos e já vimos tudo que havia e que valia a pena ver. Não, por favor, não comece a me assustar logo agora na despedida. Você já

não dorme tranquila há várias noites, e a viagem vai ser longa e cansativa. Arranje um bom lugar naquela lanchonete bonitinha onde fizemos hora na viagem passada, ponha os pés em cima de alguma coisa para evitar que os tornozelos fiquem inchados, e deixe o tempo passar tranquilamente. Você até não comprou um livro novo?..."

"Lanchonete bonitinha? Do que você está falando? Era um lugar deprimente. E por quê? Para você ficar tranquilo? Só por isso eu vou ter de ficar presa lá por seis horas?"

"Daniela querida, lá é a África, não a Europa. Nada por lá é muito claro nem muito estável. E se você for à cidade poderá perder a hora ou se perder pelo caminho."

"E eu me lembro é de estradas vazias... e de pouco trânsito..."

"Exatamente. Pouco trânsito, os meios de transporte não são nada regulares. Por isso pode acontecer de, sem perceber, você se atrasar para o segundo voo, e o que vamos fazer com você entalada ali no meio do caminho? É por isso que eu imploro: não me dê mais motivos de preocupação... Toda essa viagem já é bem preocupante..."

"Ora, você está exagerando."

"Só porque o meu amor por você é exagerado."

"Quanto tem aí de amor e quanto de controle é algo que vamos ter de esclarecer um dia..."

"O controle do amor", com um sorriso triste, o marido resume sua vida e abraça a esposa. Daqui a três anos ela estará com sessenta, e desde a morte da irmã mais velha, há mais de um ano, sua pressão subiu um pouco e ela se tornou distraída e sonhadora, mas sua existência ainda aquece o coração do marido e o atrai como nos primeiros dias. Ontem ela cortou os cabelos e pintou-os num tom âmbar, e agora, remoçada, ela o enche de orgulho.

Lá está o casal perto do portão das despedidas, e do centro da abóbada de vidro, onde já começa a brilhar a luz avermelhada do amanhecer, pende e balança no espaço do aeroporto um enorme candelabro de Hanukah, em que a chama da primeira vela tremula como um fogo de verdade.

"Então é assim...", ele se recorda, "no final você conseguiu escapulir... não ficamos juntos, e você nem me deixou relaxar antes da viagem..."

"Shhh... Shhh...", ela bota o dedo nos lábios dele e sorri assustada para os passantes. "Cuidado, estão ouvindo... e você podia ser mais honesto e confessar que também não fez muita força na última semana."

“Não é verdade”, o marido defende com amargura sua virilidade, “eu quis e tentei, mas o que podia fazer contra você? Agora você não vai fugir da responsabilidade. Por isso não me deixe ainda mais triste do que já deixou, e jure que não vai sair para a cidade. Desde quando você tem dificuldade em esperar seis horas?”

Um pequeno sorriso se acende nos belos olhos da viajante. A ligação entre a luxúria perdida e a escala em Nairóbi a pega de surpresa.

“Está bem...”, ela hesita, “vamos ver... vou tentar... mas pare de procurar motivos para se preocupar. Se por trinta e sete anos eu não me perdi de você, não é agora que você vai conseguir fazer com que eu me perca. E na semana que vem vamos nos compensar pelo que perdemos... porque você acha o quê? Que eu não estou tão frustrada quanto você? Que eu não sinto desejo, e desejo de verdade?...”

Antes que ele possa reagir ela o aperta com força contra o corpo, planta um beijo em sua testa e desaparece por trás da porta envidraçada. É verdade que é só por sete dias, porém, pelo fato de há muitos anos ela não viajar sozinha para o exterior, ele está sentindo não apenas medo, mas também admiração por ela ter conseguido realizar sua vontade. Os dois já estiveram na África visitando a família há três anos, e a parte mais importante da viagem que ela vai fazer hoje ele conhece bem, mas, até que ela chegue, tarde da noite, e depois de dois voos, à casa do cunhado em Morogoro, vai passar várias horas sozinha, distraída e sonhadora como anda ultimamente.

Lá fora continua escuro. O tom avermelhado do amanhecer, que ainda há pouco iluminava a abóbada de vidro acima da chama virtual do candeeiro, não passou de mais um truque do sistema de iluminação do novo aeroporto. Um primeiro aperto de saudade belisca seu coração quando percebe o xale esquecido no banco de trás. É verdade que, com ela ausente, ele espera ter mais liberdade e mais controle sobre suas tarefas no trabalho, mas a inesperada declaração sobre o “desejo de verdade” arranha novamente a frustração pela oportunidade perdida.

Apesar de ainda ser muito cedo, ele sabe que não vale a pena voltar para casa. Para a cama grande e vazia ele não vai voltar mesmo, nem vai conseguir relaxar, e o mais provável é que vá cair na tentação de lavar a louça, tarefa da

empregada, e de arrumar alguma coisa desnecessária. Por um momento pensou em antecipar a visita ao pai, mas os filipinos ficam muito inquietos quando alguém invade o espaço da higiene matinal do velho. Ele passa, então, pela casa de sua infância e rumá um pouco mais para o sul, para o escritório de engenharia que herdou do pai.

Mas as copas das árvores, revoltas com os ventos da manhã, despertam-lhe na memória a reclamação que aterrissou em sua mesa há algumas semanas, e ele muda de direção. Dirige-se para o litoral onde, à beira da praia, fica a Torre Pinsker, construída recentemente. Ao chegar ele aciona, com o controle remoto, o sinal para o portão de ferro do estacionamento, e cuidadosamente se faz engolir pelo subsolo.

A construção do prédio de trinta andares ficou pronta no fim do verão, mas por algum motivo está havendo certa dificuldade em ocupar os apartamentos, tanto que, a essa hora da manhã, não há muitos carros na ampla garagem. Mas o pequeno número de moradores não os impediu de se organizar para reclamar dos defeitos na construção, e quando surgiram as primeiras ventanias do inverno uma nova queixa apareceu: assobios, urros, rugidos e murmúrios insuportáveis no poço dos elevadores, que o escritório de Yaári planejou e cujo processo de construção acompanhou de perto.

Realmente, assim que se abre a pesada porta corta-fogo que separa o estacionamento das escadas, Yaári se vê atacado por uma barulheira selvagem, como se tivesse ido parar na pista de decolagem de um aeroporto militar. Na semana anterior, enviaram um dos engenheiros do escritório para investigar, mas o homem voltou com não mais que conjecturas: Será que os ventos entram pelo estacionamento? Ou penetram pelo telhado? Será que o problema não estaria numa relação incorreta entre os elevadores e seus respectivos contrapesos, ou talvez tenha surgido uma brecha na entrada dos fundos das escadas? É possível também que os ventos tenham encontrado um modo tortuoso de se infiltrar por um dos apartamentos ainda vazios. Alguns dias atrás o fabricante dos elevadores concordou em mandar ao edifício uma técnica especializada em distúrbios acústicos, mas naquele momento o inverno recuou e recolheu suas ventanias, e o silêncio que voltou a reinar no prédio não permitiu que a sensível engenheira chegasse a alguma conclusão.

As crianças têm medo de andar sozinhas nos elevadores, queixou-se ontem o presidente da comissão de moradores, em cujas mãos a construtora de-

positou o número do celular de Yaári, estimulando-o expressamente a entrar em contato com ele. Alguns bebês caem no choro assim que entram num elevador. Choro, espantou-se Yaári, incrédulo, e lembrou-se de seus dois netos pequenos. Chegam a chorar? Mas não lhe ocorreu dar menos importância à reclamação, nem tentou se livrar da responsabilidade. Importava-se muito com seu prestígio profissional e com o de seus funcionários, e isso o fez prometer que, se a tempestade continuasse, ele próprio iria até o edifício para dar ouvidos à gritaria.

Assim, ao alvorecer do dia, lá está ele cumprindo a promessa. Atento e internamente alerta, ele fica parado à frente das portas dos quatro elevadores, cada um dos quais, naquele momento, se encontrava num andar diferente do prédio. Com toda a autoridade que a experiência lhe proporcionou ele se entrega às violentas lamentações do vendaval. Por fim chama um dos elevadores, e o que está mais próximo rapidamente o atende, abrindo as portas à sua frente. Em vez de entrar, porém, ele o envia para o andar de cima e, enquanto o elevador zarpa para o seu novo destino, Yaári volta a pressionar o botão de chamada, para verificar se algum outro elevador, mais ao longe, irá obedecer ao comando, ou se esse primeiro, já prestes a cumprir sua missão, voltará até ele.

O painel de comando está funcionando perfeitamente. O mais distante não se move, e este mais próximo volta. Não há movimento desnecessário entre os andares, e isso economiza energia elétrica.

Ele entra, e com sua chave mestra dissocia esse elevador do quadro geral de comando, dobrando-o à sua vontade. Desse modo ele pode, agora, comandar o movimento do elevador, ir de um andar a outro a fim de tentar localizar a origem do vazamento de ar. Ele se encosta na parede dos fundos, grudando na sua imagem refletida pelo espelho, e durante a lenta decolagem presta atenção às lamúrias atrás da placa de aço. O rugido que se fazia ouvir no subsolo agora amainou-se numa fúria contida, que em certos andares muda de tom e transforma-se num pranto tristonho. Sem dúvida, num poço que deveria estar hermeticamente fechado para o mundo externo passeiam à vontade ventos não convidados. Mas pode ser que haja algum problema com os próprios elevadores. Deixariam eles a desejar? Pois contra o voto de seus engenheiros, que preferiam elevadores finlandeses ou chineses, que em última análise teriam custado até mais barato, ele se decidiu, desta vez, por aqueles fabricados em Israel.